

ANCESTRALIDADE E TERRITÓRIO NA ARTE AMAZÔNICA CONTEMPORÂNEA: A POÉTICA VISUAL DE FLÁVIO DUTKA

ANCESTRALITY AND TERRITORY IN CONTEMPORARY AMAZONIAN ART: THE VISUAL POETICS OF FLÁVIO DUTKA

 <https://doi.org/10.63330/armv1n9-048>

Submetido em: 25/11/2025 e Publicado em: 04/12/2025

Soniamar dos Santos Salin

Prof. Linguagens Códigos e suas Tecnologias

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5354-3551>

RESUMO

Este artigo investiga a produção artística de Flávio Dutka, com foco nas inter-relações entre ancestralidade, memória coletiva e identidade territorial na arte amazônica contemporânea. A análise concentra-se em quatro séries visuais que incorporam elementos simbólicos, traços ritualísticos e composições orgânicas vinculadas aos saberes tradicionais e à espiritualidade ribeirinha. A abordagem metodológica é interdisciplinar, integrando estética, antropologia da arte e arte-educação, com o objetivo de compreender os códigos visuais como expressões de uma tradição ancestral enraizada no território amazônico. Os resultados evidenciam que a obra funciona como dispositivo de resistência cultural, promovendo a valorização dos saberes locais e estimulando práticas educativas voltadas à afirmação identitária. A pesquisa também discute os impactos sociais e pedagógicos do resgate simbólico presente nas obras, destacando a arte como meio de preservação da memória e de reflexão crítica sobre os vínculos entre estética, pertencimento e tradição.

Palavras-chave: Arte contemporânea; Memória cultural; Ancestralidade; Território amazônico; Identidade ribeirinha.

ABSTRACT

This article examines the artistic production of Flávio Dutka, focusing on the interplay between ancestry, collective memory, and territorial identity in contemporary Amazonian art. The analysis centers on four visual series that incorporate symbolic elements, ritualistic features, and organic compositions linked to traditional knowledge and riverside spirituality. The interdisciplinary methodological approach combines aesthetics, art anthropology, and art education to interpret visual codes as expressions of an ancestral tradition rooted in the Amazon territory. Findings indicate that the artwork operates as a cultural resistance device, fostering the appreciation of local knowledge and encouraging educational practices aimed at identity affirmation. The study also explores the social and pedagogical impacts of symbolic recovery in the artist's work, emphasizing art as a medium for preserving memory and critically reflecting on the connections between aesthetics, belonging, and tradition.

Keywords: Contemporary art; Cultural memory; Ancestry; Amazonian territory; Riverside identity.



1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a arte contemporânea brasileira tem se afirmado como campo de expressão crítica e simbólica das múltiplas identidades que compõem o tecido social do país, especialmente em contextos periféricos e historicamente marginalizados. No cenário amazônico, marcado por intensas transformações ambientais, sociais e culturais, a produção artística assume papel estratégico como instrumento de resistência, preservação da memória e afirmação territorial. Nesse contexto, torna-se relevante investigar como artistas visuais da região têm mobilizado referências ancestrais e códigos simbólicos para construir narrativas que dialogam com os saberes tradicionais e com os modos de vida das comunidades ribeirinhas.

Este artigo propõe analisar a obra do artista plástico Flávio Dutka, radicado em Porto Velho, Rondônia, cuja produção se destaca por incorporar elementos visuais e simbólicos que evocam a ancestralidade amazônica como linguagem estética e política. A pesquisa concentra-se nas séries *Livro do Esquecimento*, *Um Lago chamado Cuniã*, *Varadouro* e *Mata Adentro*, selecionadas por sua recorrência temática e densidade simbólica, nas quais se observam composições orgânicas, traços ritualísticos e referências à espiritualidade ribeirinha. Essas obras foram escolhidas por representarem momentos distintos da trajetória do artista, evidenciando a evolução de sua poética visual e o aprofundamento de seu vínculo com o território amazônico.

A pergunta norteadora deste estudo é: *de que modo os elementos visuais e simbólicos presentes na obra de Flávio Dutka operam como dispositivos de preservação identitária e resistência cultural na Amazônia contemporânea?* Parte-se da hipótese de que a arte do artista não apenas representa a ancestralidade, mas a reativa como prática estética, política e educativa.

O estudo busca, portanto, compreender como a ancestralidade é transposta para a linguagem visual como estratégia de reconfiguração simbólica do território amazônico e de mediação intercultural entre tradição e modernidade.

O conceito de ancestralidade, neste estudo, é compreendido como um conjunto de referências simbólicas, espirituais e territoriais que atravessam gerações e se manifestam na linguagem visual como forma de resistência e afirmação cultural. Ao ser mobilizada como recurso estético, a ancestralidade permite a reatualização de memórias coletivas e a construção de narrativas que desafiam os processos de apagamento histórico e de homogeneização cultural.

O objetivo geral da pesquisa é compreender como a produção artística de Dutka articula memória, ancestralidade e território na construção de narrativas visuais que dialogam com a realidade amazônica. Para isso, os objetivos específicos são:

- Analisar as técnicas e elementos visuais presentes nas principais séries do artista;
- Investigar as inter-relações entre memória, ancestralidade e espaço territorial;



- Refletir sobre a função social e cultural da obra em contextos de comunidades tradicionais;
- Refletir sobre o papel da arte como instrumento de educação emancipadora e preservação identitária.

A escolha do objeto de estudo se justifica pela escassez de pesquisas dedicadas à arte amazônica sob uma abordagem interdisciplinar que valorize os saberes locais e a ancestralidade ribeirinha. Não obstante, autores como FRAXE; WITKOSKI; PEREIRA (2011) e Marcelo Silva da Conceição (2019) tenham abordado aspectos da arte amazônica e da ancestralidade, suas análises não se detêm de forma aprofundada na obra de um artista plástico, tampouco na articulação entre estética, pedagogia e resistência cultural que este artigo propõe investigar. Dessa maneira, pretende-se preencher tal vazio teórico ao propor uma leitura crítica que confronte e complemente essas abordagens.

Este artigo propõe uma contribuição teórica original ao articular os conceitos de ancestralidade, memória e território com a análise estética da obra de Flávio Dutka, evidenciando como sua produção visual opera como dispositivo epistemológico de resistência. Metodologicamente, adota-se uma abordagem interdisciplinar que combina análise iconográfica, estudos culturais e epistemologias do Sul, com ênfase nos saberes ribeirinhos. Ao fazer isso, o estudo avança na compreensão da arte amazônica não apenas como expressão simbólica, mas como prática política e pedagógica que desafia os paradigmas hegemônicos da história da arte brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE COMO CATEGORIAS EPISTEMOLÓGICAS

A fundamentação teórica deste artigo estabelece um diálogo entre estética, antropologia da arte e estudos culturais, com foco nas inter-relações entre memória coletiva, ancestralidade e território na arte contemporânea amazônica. A análise parte dos conceitos de lugares de memória (Pierre Nora), poética do espaço (Gaston Bachelard) e arqueologia da imagem (Georges Didi-Huberman), articulando-os com abordagens críticas sobre identidade, resistência e representatividade cultural.

A noção de lugares de memória, conforme Nora, permite compreender a obra de Flávio Dutka como espaço simbólico de condensação de experiências coletivas, onde o território amazônico é ressignificado por meio de elementos visuais que evocam saberes tradicionais e espiritualidades ribeirinhas. Bachelard, por sua vez, contribui para a leitura das composições orgânicas e texturas naturais presentes nas séries analisadas, revelando como a sensibilidade estética se impregna dos elementos do ambiente, transformando-os em signos afetivos e culturais.

Didi-Huberman propõe a imagem como repositório de sobrevivências e camadas de tempo, o que oferece subsídios para interpretar os símbolos ritualísticos da obra como manifestações de uma ancestralidade que resiste ao apagamento histórico. No entanto, sua abordagem difere da perspectiva de



Stuart Hall, que entende a representação como campo de disputa identitária e política. Enquanto Didi-Huberman enfatiza a persistência temporal da imagem, Hall destaca sua instabilidade e performatividade, tensionando a ideia de memória como algo fixo. Essa divergência é produtiva para compreender como a obra de Dutka oscila entre o registro de uma memória ancestral e a construção de narrativas visuais que desafiam os discursos hegemônicos.

A ancestralidade, neste estudo, é concebida como sistema de saberes, práticas e cosmologias que atravessam gerações e se manifestam na linguagem visual como forma de resistência e pertencimento. Essa abordagem permite compreender a arte não apenas como representação, mas como prática social e política que articula memória afetiva, espiritualidade e territorialidade.

2.2 ARTE E TERRITÓRIO: DIÁLOGOS DECOLONIAIS NA AMAZÔNIA

Para aprofundar o enquadramento epistemológico, este estudo incorpora os aportes dos estudos decoloniais latino-americanos, especialmente as contribuições de Quijano (2001), Mignolo (2005), Kusch (2010) e Santos (2010). A colonialidade do saber, conforme Quijano, impõe uma hierarquia epistêmica que marginaliza os conhecimentos ancestrais e os modos de vida não ocidentais. Mignolo reforça essa crítica ao propor a “desobediência epistêmica” como estratégia de ruptura com os paradigmas eurocentrados, valorizando os saberes locais como fontes legítimas de produção de conhecimento.

Nesse sentido, a arte de Dutka pode ser lida como prática decolonial, ao mobilizar códigos visuais que emergem das cosmologias ribeirinhas e dos territórios amazônicos. A estética aqui não é apenas forma, mas gesto político que desafia os regimes de visibilidade impostos pela modernidade colonial. A obra se insere, portanto, em um campo de disputa simbólica, onde o território deixa de ser paisagem e passa a ser sujeito de memória.

Embora frequentemente associados, os estudos pós-coloniais e decoloniais partem de matrizes distintas. Enquanto o pós-colonialismo emerge de contextos anglófonos e foca nas consequências culturais do colonialismo, o pensamento decolonial — conforme Maldonado-Torres (2007) e Castro-Gómez (2005) — propõe uma ruptura epistemológica, denunciando a persistência da colonialidade do poder e reivindicando saberes situados e não eurocentrados.

A produção de artistas como Jaider Esbell e Ernesto Neto reforça essa perspectiva. Esbell, ao incorporar a cosmologia de seu povo Makuxi, transforma a arte em ferramenta de afirmação identitária e enfrentamento aos discursos coloniais. Neto, ao criar instalações sensoriais em colaboração com comunidades indígenas, propõe uma arte relacional que valoriza o corpo, o afeto e o espaço como dimensões integradas. Ambos contribuem para pensar a ancestralidade como estrutura epistemológica, não apenas temática.



2.3 NATUREZA E RESISTÊNCIA: APROXIMAÇÕES CRÍTICAS COM ROUSSEAU E KRAJCBERG

A comparação com Henri Rousseau e Frans Krajcberg exige uma abordagem analítica, não ilustrativa. Rousseau, embora distante geograficamente, construiu paisagens imaginárias que evocam uma natureza mítica e exuberante. Sua obra revela uma busca por atmosferas ancestrais que transcendem o tempo histórico, mas ainda opera dentro de uma lógica de exotização. Em contraste, Dutka não projeta a natureza como fantasia, mas como território vivido e ancestralizado, onde os elementos visuais são carregados de memória e pertencimento.

Krajcberg, por sua vez, estabelece uma relação direta com o território brasileiro e com a denúncia das agressões ambientais. Ao incorporar materiais orgânicos e elementos naturais carbonizados, sua obra configura uma estética da resistência. Essa perspectiva é fundamental para compreender a dimensão ética e ecológica da arte de Dutka, que também se vale de texturas e simbologias ribeirinhas para construir narrativas visuais de denúncia e afirmação territorial. A diferença está na origem dos signos: enquanto Krajcberg denuncia a destruição da natureza como paisagem, Dutka denuncia o apagamento da natureza como memória.

A inserção da obra de Flávio Dutka no campo da arte amazônica contemporânea também pode ser aproximada da produção de artistas indígenas como Denilson Baniwa, cuja trajetória tem se destacado por articular práticas visuais com epistemologias originárias e estratégias de enfrentamento ao colonialismo estético. Baniwa mobiliza a arte como território de disputa simbólica, reconfigurando narrativas históricas e propondo uma estética insurgente que desafia os paradigmas eurocentrados. Assim como Dutka, sua obra opera como linguagem de resistência e reativação da memória ancestral, evidenciando que a arte indígena contemporânea não apenas reivindica espaço, mas propõe novos modos de ver, sentir e pensar o território. Essa aproximação reforça a leitura da ancestralidade como categoria epistemológica e estética, capaz de integrar múltiplas temporalidades e cosmologias na construção de uma arte situada, relacional e decolonial.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO REFERENCIAL

A integração entre referenciais clássicos, autores decoloniais e artistas contemporâneos permite uma leitura crítica e multidimensional da obra de Flávio Dutka. A arte, em contextos amazônicos, opera como espaço de mediação entre tradição e modernidade, entre memória e criação, entre resistência e pertencimento. Ao considerar os aspectos simbólicos, afetivos e sociais da produção artística, este estudo reafirma a arte como processo coletivo de construção identitária, especialmente em territórios marcados por dinâmicas ribeirinhas e indígenas.

Esse referencial teórico não apenas sustenta a análise proposta, mas contribui para ampliar o debate sobre representatividade cultural na arte contemporânea, abrindo caminhos para investigações futuras sobre os vínculos entre estética, ancestralidade e território em contextos periféricos e historicamente silenciados.



3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada no método do estudo de caso, com o objetivo de analisar a obra do artista visual Flávio Dutka no contexto da arte amazônica contemporânea. A investigação busca compreender os processos simbólicos, estéticos e socioculturais presentes em sua produção, com especial atenção à articulação entre ancestralidade, memória coletiva e identidade territorial.

3.1 CORPUS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

O corpus é composto por quatro séries visuais do artista: *O Livro do Esquecimento* (pertencente à série *Fragments da Memória*), *Um Lago chamado Cuniã*, *Varadouro e Mata Adentro*. A seleção obedeceu aos seguintes critérios:

- Relevância temática para os eixos de memória, ancestralidade e território;
- Recorrência de elementos simbólicos amazônicos, como grafismos, cores, texturas e referências ritualísticas;
- Representatividade estética na trajetória do artista, considerando sua inserção em circuitos culturais e recepção crítica;
- Disponibilidade pública em exposições realizadas entre 2022 e 2025 na região Norte do Brasil.

Essas séries condensam os principais traços da poética visual de Dutka e evidenciam o diálogo entre arte, espiritualidade ribeirinha e saberes tradicionais.

3.2 PARTICIPANTES E FONTES

A pesquisa envolveu três grupos de participantes:

- O próprio artista, como sujeito criador e fonte primária sobre os processos conceituais e criativos;
- Especialistas em arte amazônica (curadores, críticos e pesquisadores), selecionados por atuação acadêmica ou institucional;
- Visitantes de exposições, com ênfase em membros de comunidades tradicionais amazônicas, observados em eventos culturais públicos.

Essa diversidade de fontes permitiu ampliar a compreensão da recepção estética e simbólica da obra.

3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

A análise dos dados foi conduzida por meio de triangulação metodológica, articulando os seguintes procedimentos:

- Análise iconográfica e iconológica, com base em Erwin Panofsky (2017), para interpretação dos elementos visuais e simbólicos;



- Entrevistas semiestruturadas com o artista e especialistas, orientadas por roteiros validados por pares;
- Observação participante durante exposições, com uso de fichas estruturadas para registro de interações entre público e obra;
- Revisão bibliográfica de textos clássicos e contemporâneos sobre arte, memória, ancestralidade e território;
- Análise documental de catálogos, registros institucionais, textos críticos e materiais curatoriais.

Os instrumentos utilizados foram roteiros de entrevista, fichas de observação e matrizes analíticas para sistematização dos dados visuais e discursivos.

3.4 ÉTICA E CONFIABILIDADE INTERPRETATIVA

A pesquisa respeitou os protocolos éticos das Ciências Humanas, assegurando:

- Consentimento livre e esclarecido dos participantes;
- Confidencialidade e anonimato, conforme solicitado;
- Autorização institucional para observações e registros visuais;
- Armazenamento seguro dos dados e respeito à integridade dos envolvidos.

A confiabilidade interpretativa foi garantida por meio da triangulação de fontes e técnicas, e pela saturação teórica na análise dos discursos e imagens. Essa estratégia permitiu validar os achados e sustentar a leitura crítica da obra como dispositivo de memória, resistência e territorialidade.

Quadro 1 – Relação entre objetivos, técnicas e categorias analíticas

Objetivo específico	Técnica utilizada	Categoria de análise	Evidência empírica
Investigar a ancestralidade como estrutura epistemológica	Entrevistas com artista e curadores	Memória ancestral	Trechos de depoimentos e elementos simbólicos nas telas
Analisar a relação entre território e linguagem visual	Análise iconográfica e iconológica	Territorialidade simbólica	Texturas orgânicas, grafismos, paleta cromática e composição espacial
Compreender a recepção da obra em comunidades tradicionais	Observação participante em exposições	Identidade cultural e afetiva	Reações do público, falas espontâneas, registros de interação com as obras
Identificar os dispositivos de resistência estética	Revisão bibliográfica e análise documental	Representatividade e denúncia	Referências a rituais, espiritualidades ribeirinhas e cosmologias indígenas

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2025)



4 DA ANÁLISE DAS OBRAS

4.1 DA SÉRIE “FRAGMENTOS DA MEMÓRIA” — O LIVRO DO ESQUECIMENTO



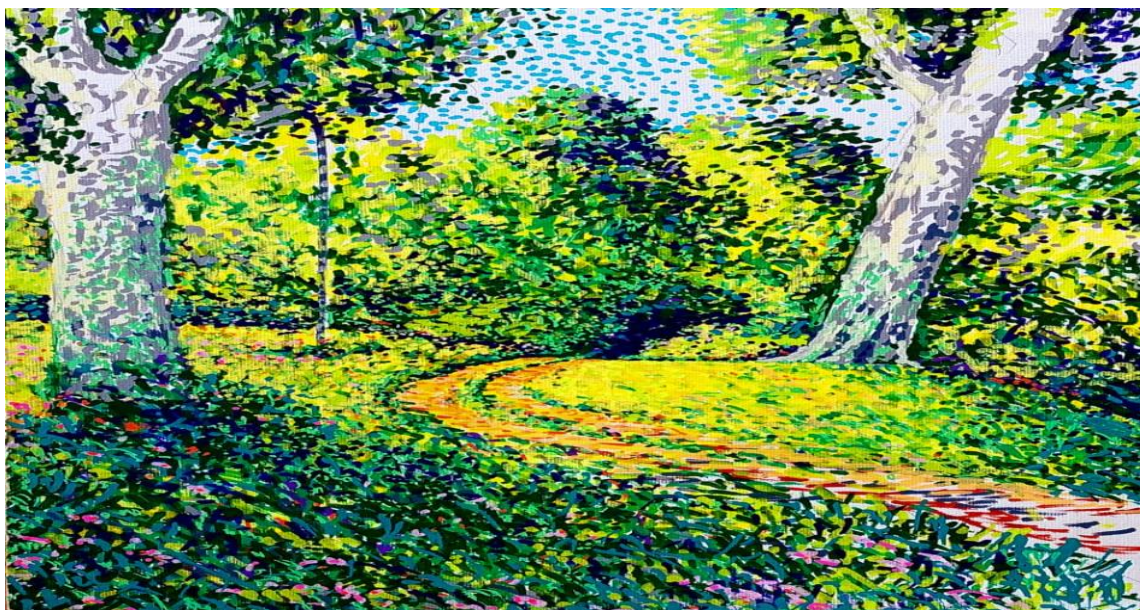
Fonte: DUTKA, Flávio. Fragmentos da Memória, O Livro do Esquecimento- O Silêncio.2025. Tinta acrílica e marcador sobre tela, 30x40. Acervo do autor (Tela 1)

O Livro do Esquecimento – O Silêncio, pertencente à série *Fragmentos da Memória*, Dutka mobiliza a pintura como território de resistência frente ao avanço das grandes hidrelétricas sobre o Rio Madeira. Em obras como *O Livro do Esquecimento*, o artista inscreve camadas de signos que oscilam entre o indecifrável e o poético, evocando um arquivo invisível — a voz das comunidades ribeirinhas e indígenas ameaçadas por projetos que transformam paisagens em ausência. A verticalidade das linhas pictóricas remete simultaneamente à dureza das estruturas de concreto das barragens e aos grafismos ancestrais, como troncos, totens e pilares de memória. Essa ambivalência formal transforma a tela em um espaço de condensação simbólica, conforme Pierre Nora define os “lugares de memória”: zonas de resistência contra o esquecimento, onde o passado é convocado para intervir no presente.

A paleta cromática, marcada por vermelhos intensos e azuis profundos, sugere o fogo da memória e as águas como elementos de vida e luta. A sobreposição de camadas pictóricas opera como um “manuscrito ancestral”, gravado na paisagem, em que o gesto artístico se torna um dispositivo de sobrevivência da imagem — conceito central em Didi-Huberman, que vê na imagem a persistência de temporalidades e memórias que resistem ao apagamento histórico. A ausência e a rasura, presentes nas composições, não representam o vazio, mas a latência do que insiste em permanecer. Assim, *Fragmentos da Memória* não se limita a registrar perdas: é um gesto de convocação, onde lembrar é resistir, e resistir é existir.



4.2 DA SÉRIE “VARADOURO” — A CAMINHO DA ESCOLA



Fonte: DUTKA, Flávio. Varadouro, A Caminho da Escola, 2023. Marcador e tinta acrílica sobre tela, 30x40. Acervo do autor (Tela 2)

Na série *Varadouro*, especialmente na obra *A Caminho da Escola*, (tela 2) Flávio Dutka reinventa a paisagem amazônica por meio do pontilhismo, fazendo emergir trilhas, clareiras e margens que se abrem na mata. Esses varadouros — caminhos cotidianos percorridos por crianças em direção à escola — são mais que passagens físicas: são inscrições da ancestralidade na terra, marcas de sobrevivência e circulação de saberes. Cada ponto de cor, justaposto com paciência e precisão, sugere a tessitura de uma memória viva. Ao olhar de perto, vemos fragmentos; ao recuar, vislumbramos a totalidade — uma dinâmica que ecoa a própria experiência comunitária, em que cada vida compõe o tecido coletivo. A obra inscreve o tempo da floresta, o tempo da infância e o tempo dos antepassados, articulando o espaço como dimensão afetiva e simbólica, conforme propõe Gaston Bachelard em *A poética do espaço*. O caminhar torna-se gesto de memória, e a trilha, metáfora da transmissão intergeracional de saberes. A luz que atravessa a mata funciona como metáfora da iluminação do conhecimento, mas também da continuidade dos ciclos vitais — dia e noite, infância e maturidade, ancestralidade e futuro. As árvores, erguidas como guardiãs, assumem função totêmica, vigiando e acompanhando a travessia das crianças, como presenças espirituais que sustentam o percurso. Em diálogo com Didi-Huberman, pode-se dizer que cada ponto pictórico é uma sobrevivência: uma célula de memória que resiste ao esquecimento e atualiza o vínculo entre território e identidade.



4.3 DA SÉRIE “UM LAGO CHAMADO CUNIÃ”



Fonte: DUTKA, Flávio. Um Lago chamado Cuniã, O Luar, 2024. Tinta acrílica e marcador sobre tela, 40x60. Acervo do autor (tela 3)



Fonte: DUTKA, Flávio. Um Lago chamado Cuniã, Luz, 2023. Tinta acrílica e marcador sobre tela, 20x20. Acervo do autor (tela 4)

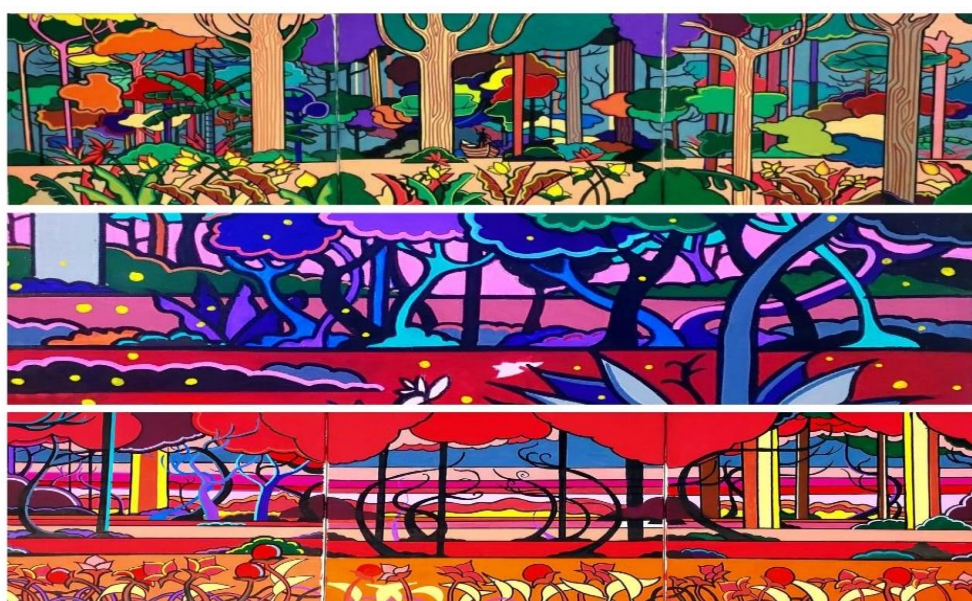
Na série *Um Lago Chamado Cuniã*, Flávio Dutka reinterpreta a paisagem amazônica como território de memória e ancestralidade. Em obras como *Luar* (tela 3) e *Luz* (tela 4) ambas sobre Cuniã, o artista transforma o lago em metáfora da memória coletiva, articulando elementos visuais que transcendem o registro naturalista. Os reflexos da vegetação, os jogos de luz sobre a mata e os contornos de árvores projetados contra o céu funcionam como inscrições simbólicas de uma experiência intergeracional.



A paleta vibrante — verdes intensos, violetas, azuis e dourados — não apenas compõe a cena, mas ativa dimensões rituais e afetivas da natureza, em que a cor opera como energia vital. As margens e clareiras são representadas como pontos de passagem, associados a práticas de sociabilidade e rituais dos povos amazônicos. A sobreposição de grafismos e linhas remete a inscrições ancestrais, sugerindo que a paisagem é também escritura — uma forma de territorialidade simbólica, conforme Hall (1997), em que o espaço é construído como narrativa identitária.

Nesse sentido, o lago opera como “lugar de memória” no sentido de Pierre Nora: um arquivo vivo onde o passado é convocado para sustentar o presente. A duplicidade entre o mundo material e espiritual, sugerida pela vegetação refletida, reforça a ideia de ancestralidade como estrutura latente e ativa. A obra reinscreve o território como espaço de significação, onde o visível é atravessado por códigos culturais e espirituais que resistem à homogeneização.

4.4 DA SÉRIE “MATA ADENTRO” — O PORTAL, CURUMIM E PIRILAMPOS E O ENTARDECER



Fonte: DUTKA, Flávio. 2025. Mata Adentro. Técnica mista sobre tela, 30 x 40. Acervo do autor

A série *Mata Adentro*, composta por obras como *O Portal*, *Curumim e Pirilampos* e *O Entardecer* articula ancestralidade, território e identidade por meio de uma linguagem visual marcada por padrões orgânicos, cromatismo ritual e composição simbólica. A floresta não é representada como cenário, mas como sujeito — espaço de saberes, práticas e cosmologias.

Em *O Portal*, formas circulares e tons de verde evocam a regeneração e a conexão espiritual com a mata, configurando uma travessia entre temporalidades. Já em *Curumim e Pirilampos*, a presença dos vagalumes funciona como índice visual da orientação ancestral, remetendo aos encantados e à infância



indígena. A obra propõe uma ruptura com a linearidade ocidental, mobilizando o conceito de tempo espiralar, como discutido por Bachelard (1993), e reforçando a ideia de memória insurgente, conforme hooks (2019), ao valorizar saberes invisibilizados.

Em *O Entardecer*, os tons quentes remetem à ancestralidade solar e aos ciclos de transformação. A estética fragmentada — com mosaicos, vitrais e geometrias orgânicas — remete a padrões indígenas e afro-brasileiros, como grafismos e pontos de terreiro, evidenciando a presença de saberes tradicionais. A ancestralidade é aqui compreendida como categoria epistemológica, que estrutura a composição visual e orienta a narrativa simbólica.

A série também se desdobra em práticas vivenciais, como oficinas e arteterapias, ampliando seu alcance para além do campo estético. Nesse contexto, cada tela pode ser interpretada como dispositivo de memória insurgente, que convoca o espectador a uma experiência de reconexão com o território, com o corpo e com o sagrado.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa evidenciam que a ancestralidade constitui o principal dispositivo estético e conceitual na construção de uma narrativa visual que articula memória, identidade e território na obra de Flávio Dutka. A análise iconográfica revelou o uso recorrente de elementos associados à natureza regional — como cromatismos intensos, texturas orgânicas e padrões ribeirinhos — empregados de forma estratégica para evocar memórias coletivas e resgatar a essência cultural das comunidades locais.

As entrevistas semiestruturadas com o artista e especialistas indicaram que a escolha dos temas e recursos visuais decorre de um processo reflexivo e intencional, orientado pela integração de tradições orais, mitos fundadores e experiências históricas da região. Dutka afirma:

“Minha pintura não é só cor e forma — é escuta. Cada traço é uma conversa com os antigos, com os rios, com os encantados.”

Essa perspectiva foi corroborada por especialistas como a curadora L.M., que destacou:

“A obra de Dutka não ilustra a Amazônia — ela a convoca. É uma arte que pulsa com o território.”

A sistematização dos depoimentos permitiu identificar três núcleos temáticos recorrentes: (1) ancestralidade como fonte epistemológica; (2) território como matéria estética; (3) arte como mediação intercultural.

A observação participante realizada em exposições evidenciou reações emocionais intensas entre os visitantes, especialmente entre membros de comunidades tradicionais. Um dos relatos mais significativos foi registrado por uma educadora ribeirinha:

“Quando vi aquela tela, senti como se minha avó estivesse ali. É como se a floresta falasse com a gente.”



Esse tipo de recepção reforça a hipótese de que a ancestralidade atua como eixo estruturante da produção artística de Dutka, funcionando como catalisador de processos de ressignificação identitária. A arte, nesse contexto, atua como espaço de recolhimento simbólico e reapropriação cultural, conforme discutido por bell hooks (2019), ao tratar da representatividade como prática de resistência.

Tabela 1 – Elementos visuais recorrentes nas séries analisadas

SÉRIE	ELEMENTOS VISUAIS RECORRENTES	REFERÊNCIA SIMBÓLICA
Fragmentos da Memória	Tons terrosos, traços circulares, madeira queimada	Ritual de luto e apagamento da memória
Um Lago Chamado Cuniã	Azul profundo, formas fluviais, transparências	Espiritualidade ribeirinha e sonho coletivo
Varadouro	Linhas verticais, pigmentos naturais, tramas	Caminhos ancestrais e deslocamento cultural
Mata Adentro	Verde denso, sobreposição de camadas, folhas prensadas	Resistência ecológica e memória vegetal

Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2025)

5.1 TENSÃO ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Os dados também apontam para uma tensão criativa entre a preservação da herança cultural e a inovação na linguagem visual. Essa ambiguidade produtiva se manifesta tanto na obra quanto na recepção do público. Dutka comenta:

“Não quero repetir os antigos, mas caminhar com eles. A tradição é um rio — ela se move.”

Essa postura revela uma abordagem arqueológica da criação artística, em que o passado é reconfigurado por meio de experimentações estéticas contemporâneas. A ancestralidade, portanto, não é tratada como elemento estático, mas como campo dinâmico de significação.

5.2 FUNÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DA OBRA

A articulação entre experiência estética e discursos sobre memória e ancestralidade amplia o debate sobre a função social da arte amazônica contemporânea. A obra de Dutka exerce papel fundamental na construção de uma identidade regional, funcionando como espaço simbólico de recolhimento e ressignificação histórica. Ao traduzir tensões e contradições de um território marcado pela tradição e pela transformação, a arte se afirma como instrumento de resistência cultural e valorização dos saberes locais.

5.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Embora os resultados tenham demonstrado consistência teórica e empírica, é necessário reconhecer algumas limitações. A análise concentrou-se em quatro séries visuais e exposições específicas, o que restringe a generalização dos achados. As entrevistas foram realizadas com um grupo seletivo de especialistas e o próprio artista, não contemplando a diversidade de interpretações entre públicos distintos. Além disso,



a ausência de dados longitudinais sobre a recepção da obra limita a avaliação de seu impacto cultural ao longo do tempo.

Futuras pesquisas poderão ampliar o escopo metodológico, incorporando análises comparativas com outros artistas da região, abordagens interdisciplinares com foco antropológico e sociológico, e estudos de recepção em diferentes contextos geográficos e sociais.

5.4 SÍNTESE INTERPRETATIVA

A síntese dos achados revela que o percurso estético e conceitual traçado por Dutka convida o espectador a uma experiência imersiva, na qual a ancestralidade se manifesta de forma visceral e intimista. Os elementos visuais configuram uma linguagem própria, que promove reflexão crítica sobre os processos de esquecimento e resistência. A obra transcende a arte figurativa ao se converter em repositório de memórias e significados que dialogam com as transformações sociais e culturais da Amazônia. A ancestralidade, em sua obra, é presença silenciosa, gesto ritual e memória viva — uma forma de resistir, lembrar e transformar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa evidenciam que a obra de Flávio Dutka constitui um campo simbólico de alta densidade estética e conceitual, no qual ancestralidade, memória coletiva e identidade territorial operam como dispositivos de resistência cultural no contexto amazônico contemporâneo. As séries analisadas revelam uma linguagem visual que transcende a representação paisagística e se inscreve em uma poética de reapropriação histórica, espiritual e epistemológica.

A triangulação metodológica — envolvendo análise iconográfica, entrevistas semiestruturadas e observação participante — permitiu validar a hipótese central do estudo: a ancestralidade atua como eixo estruturante da produção artística de Dutka, articulando múltiplas temporalidades e territorialidades. O engajamento dos públicos, especialmente de comunidades tradicionais, reforça o papel da obra como mediadora entre práticas culturais ancestrais e sensibilidades contemporâneas.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para os debates sobre arte, memória e identidade ao propor a ancestralidade como categoria analítica capaz de integrar elementos visuais, sonoros e performáticos. A articulação entre os dados empíricos e os referenciais de Pierre Nora, Gaston Bachelard, Georges Didi-Huberman, bell hooks e Stuart Hall permitiu uma leitura crítica e multifacetada da obra, revelando camadas de significação que vão além da superfície estética.

A contribuição inédita deste artigo reside na proposição da obra de Dutka como expressão de uma estética decolonial amazônica, que reivindica a arte como linguagem de pertencimento, resistência e epistemologia territorial. Ao valorizar os saberes ribeirinhos e as cosmologias locais, o artista desafia os



paradigmas hegemônicos da arte brasileira e propõe uma estética situada, relacional e politicamente engajada.

Reconhecem-se, contudo, limitações metodológicas: o corpus restringe-se a quatro séries visuais e a um recorte geográfico específico, o que limita a generalização dos achados. Futuras pesquisas poderão ampliar o escopo comparativo com outros artistas da região, incorporar abordagens interdisciplinares e explorar a recepção da obra em diferentes contextos socioculturais.

A análise da obra de Flávio Dutka evidencia a emergência de uma estética decolonial amazônica, que reivindica a arte como dispositivo de memória e epistemologia territorial — campo que se mostra promissor para investigações futuras sobre o papel da ancestralidade na arte latino-americana contemporânea. Tal perspectiva abre caminho para futuras investigações sobre as poéticas visuais de artistas amazônicos sob o viés das epistemologias do Sul.



REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BANIWA, Denilson. A queda do céu: arte indígena contemporânea.** Catálogo de exposição. São Paulo: Galeria Millan, 2019.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750–1816).** Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2005.
- CONCEIÇÃO, Marcelo Silva da. Comunidades ribeirinhas e construção identitária na Amazônia.** Revista Brasileira de Pesquisa em Artes e Educação, v. 14, n. 2, p. 45–62, 2019. Disponível em: https://joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/upload/anais/trabalho_submissaoId_1362_1362612ede6c58805.pdf Acesso em: 25 nov. 2024.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 1998.
- DUTKA, Flávio. O Livro do Esquecimento.** Série Fragmentos da Memória. Acrílica e marcador sobre tela, 30 x 40 cm, 2025. Acervo do autor.
- DUTKA, Flávio. A Caminho da Escola.** Série Varadouro. Acrílica e marcador sobre tela, 40 x 60 cm, 2023. Acervo do autor.
- DUTKA, Flávio. Um Lago chamado Cuniã.** Série. Acrílica e marcador sobre tela, 40 x 60 cm, 2024/2025. Acervo do autor.
- DUTKA, Flávio. Mata Adentro.** Série. Tinta acrílica e marcador Posca sobre tela, 30 x 40 cm, 2025. Acervo do autor.
- ESBELL, Jaider. Ruku: arte indígena contemporânea.** Boa Vista: Editora UFRR, 2018.
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; PEREIRA, Henrique dos Santos. Comunidades ribeirinhas amazônicas: memórias, ethos e identidade.** Manaus: Reggo Edições, 2011. ISBN 978-85-63651-05-1.
- HALL, Stuart. Representation: Cultural Representations and Signifying Practices.** London: Sage, 1997.
- HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- KRAJCBERG, Frans. Frans Krajcberg: catálogo de exposição.** São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 1996.
- KUSCH, Rodolfo. A geocultura do homem americano.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. On the Coloniality of Being: Contributions to the Development of a Concept.** Cultural Studies, v. 21, n. 2–3, p. 240–270, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09502380601162506>. Acesso em: 1 dez. 2024.



MIGNOLO, Walter. A ideia de América Latina. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

NETO, Ernesto. Ernesto Neto: Sopro. Catálogo de exposição. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, n. 10, p. 7–28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 12 dez. 2024.

PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales, v. 6, n. 1, p. 1–30, 2001. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 30 jun. 2025.

RUSSELL, John. Henri Rousseau (Le Douanier): A Catalogue Raisonné. London: Thames and Hudson, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.